

# D O Ê R R O

Nada parece apresentar à primeira vista mais variedade do que o espírito dos homens: as suas opiniões divergentes, e que parecem irreductíveis, exprimem uma diversidade essencial na sua maneira de raciocinar. E, quando se procura um denominador comum, uma espécie de pensamento-padrão (que seria possível encontrar na multiplicidade das inteligências existentes como um conceito geral, que se encontra numa classe completa de objectos representados) só se consegue captar mais que um pobre «intelecto» capaz, quando muito, de associar e ordenar as idéas segundo as regras da lógica, mas de modo algum feito para gerar e elaborar pensamento, numa viva comunhão com a realidade.

O entendimento universal de que falamos é superior a êsse intellecto exangue, tanto quanto uma coisa viva o pode ser aos esquemas abstractos.

E' uma fôrça actuante que unifica as inteligências humanas, não tirando-lhes aquilo por que elas se diferenciam, antes integrando o pensamento de cada um pelo pensamento dos outros, que seria como que um prolongamento, pela extensão e pela opposição, do entendimento individual.

Que uma tal unificação seja naturalmente e necessariamente pressuposta pelo nosso espírito, nada o revela de maneira mais característica que o problema do êrro. Platão disse admiravelmente no «Theeteto» quanto o perturbava «esta paixão pela qual nos acontece por vezes julgar falsamente». Porque o facto de que nós nos enganamos e de

que vemos os outros enganar-se, põe em causa a confiança que temos instintivamente na nossa razão. Donde a necessidade de «explicar o êrro», isto é, de poder dar-se conta das causas pelas quais o pensamento em procura da verdade pode enganar-se. Não é doutro modo que o médico procura explicar a doença como um efeito produzido pelas mesmas fôrças que alimentam a vida, quando o seu equilibrio e a sua harmonia foram alterados por uma causa incidental.

Reduzir o êrro a uma distracção do espírito fatigado, é não considerar senão o caso do contabilista que alinha as contas. O campo a explorar é muito mais vasto, quando se trata de um trabalho intellectual. O professor sabe (1) que na arte do ensino nada é mais importante do que compreender porque tal aluno cometeu tal falta. E cêdo o professor aprenderá a distinguir as faltas a que convém procurar uma razão, das que, a bem dizer, não são êrros mas afirmações gratuitas, cometidas sem algum esforço do pensamento, por «cábulas» que contam com a sorte de acertar; nêste último caso o entendimento para nada serve.

Quanto aos êrros pròpriamente ditos que por vezes dizem respeito à insuficiência intellectual dum indivíduo, mas que nos casos mais característicos se apresentam como «étapes» naturais do pensamento no seu esforço para a verdade, o mestre saberá avaliar da sua

(1) Deveria saber. (N. T.).